

Álvaro de Campos

## **E eu que estou bêbado de toda a injustiça do mundo...**

E eu que estou bêbado de toda a injustiça do mundo...  
— O dilúvio de Deus e o bebé loirinho boiando morto à tona de água,  
Eu, em cujo coração a angústia dos outros é raiva,  
E a vasta humilhação de existir um amor taciturno —  
Eu, o lírico que faz frases porque não pode fazer sorte,  
Eu, o fantasma do meu desejo redentor, névoa fria —

Eu não sei se devo fazer poemas, escrever palavras, porque a alma —  
A alma inúmera dos outros sofre sempre fora de mim.

Meus versos são a minha impotência.  
O que não consigo, escrevo-o;  
E os ritmos diversos que faço aliviam a minha cobardia.

A costureira estúpida violada por sedução,  
O marçano rato preso sempre pelo rabo,  
O comerciante próspero escravo da sua prosperidade  
— Não distingo, não louvo, não (...) —  
São todos bichos humanos, estupidamente sofrentes.

Ao sentir isto tudo, ao pensar isto tudo, ao raivar isto tudo,  
Quebro o meu coração fatidicamente como um espelho,  
E toda a injustiça do mundo é um mundo dentro de mim.

Meu coração esquife, meu coração (...), meu coração cadafalso —  
Todos os crimes se deram e se pagaram dentro de mim.

Lacrimêjância inútil, pieguice humana dos nervos,  
Bebedeira da servilidade altruísta,  
Voz com papelotes chorando no deserto de um quarto andar esquerdo...

s. d.

Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 110.